

IDENTIDADE INTERCULTURAL E DESCENTRAMENTO DO(S) CÂNONE(S):

The Woman Warrior: Memoirs of a Girlhood Among Ghosts,
de Maxine H. Kingston ¹

Na América, as tradições imigrante e étnica têm sido marcadas por relações complexas entre contextos locais e globais, constituindo-se os anos 60 do século XX como um período seminal na evolução de todo um conjunto de tensões culturais, sociais e literárias que caracterizam o pós-guerra. Com base e na sequência daquilo que para Philip Gleason é “ideological revival” – “the powerful reaffirmation of American ideology as the basis of American identity... from World War II to the mid-1960’s” ², o pluralismo cultural irrompe no mapa americano. Por um lado, tratou-se de uma extensão do sacrossanto conceito ideológico dos Estados Unidos como uma nação de imigrantes, uma nação de nações; por outro lado, provocava-se uma ruptura nessas mesmas tradições, à medida que o escrutínio do racismo americano e o falhanço do *melting pot* abriam caminho a formas alternativas de nacionalismo cultural. As fronteiras da identidade americana sofriam o abalo de sucessivas reconceptualizações estimuladas por uma produção e teoria literário-cultural de raiz étnica ou imigrante, como o próprio contexto de “ethnic revival” dos anos sessenta e setenta se encarregou de confirmar.

É nesse fluxo de criatividade literária que, ao lado de vozes afro-americanas ou “native-american”, vai assomar a escrita de Maxine Hong Kingston. Exemplo de uma identidade dividida, esta autora sino-americana aponta para a questão de

¹ Texto da comunicação apresentada no IV Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, Universidade de Évora, 9-12 de Maio de 2001.

² GLEASON, Philip - “American Identity and Americanization”, in *The Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, Belknap Press, 1980, p. 47.

uma identidade intercultural, oscilante entre a memória da China e a vivência num lugar *outro*, criando, pela diferença, um espaço íntimo dentro de um contexto hegemónico americano. Concomitantemente, a condição cultural e literária da imigração, na busca de legitimação e autenticidade, transporta em si os desvios em relação ao cânone e a sua redefinição, ou seja, uma erosão de fronteiras entre o centro e as margens conducente a um descentramento canónico que a realidade multicultural da nação americana exige. Como afirma Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, “falar do cânone literário ou cultural de um dado país é falar do modo como esse país se constitui, como que inevitavelmente, como nação”³. *The Woman Warrior: Memoirs of a Girlhood Among Ghosts* (1975) ajudou a evidenciar o carácter mítico de uma identidade “americana” e contribuiu para o estabelecimento de uma tradição literária “asian-american” ou, como prefere David Leiwei Li⁴, “chinese-american”, ultrapassando em qualquer caso o excesso generalizante e discriminatório do anterior termo “oriental”. Kingston mostra-se agudamente sensível às imbricações do literário e da temática da identidade; delimitadora de espaços, a obra aqui em apreço inscreve-se claramente numa vertente sino-americana, ajudando à auto-canonização típica das culturas étnicas nos Estados Unidos.

Do êxodo puritano à visão celebratória de Crèvecoeur – a fusão dos imigrantes numa nova raça de homens –, passando pelas sucessivas variações da ideia de *melting pot* ao longo do século XX, os imigrantes estiveram ao serviço do nacionalismo americano na relação necessária deste com o estabelecimento de uma ideologia. A América deu-se a conhecer como cidade edificada sobre um monte (“city upon a hill”), a verdadeira religião no espaço selvático (“wilderness”), a verdadeira democracia iluminista, a verdadeira sociedade da natureza numa nova Arcádia. Estes primeiros ícones da ideologia americana foram instrumentos poderosos na estruturação de comunidades, apropriando-se de um continente e negociando relações de dependência dentro de um sistema colonial e mercantilista. No caso da comunidade chinesa em trânsito para a América, a expectativa do monte onde está a cidade transformou-se na sugestão da montanha que continua a simbolizar o ideal, mas que igualmente promete o sucesso material, o ouro. Para

³ SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa - “Introdução”, in *O Cânone nos Estudos Anglo-Americanos*, coord. Isabel Caldeira, Coimbra, Minerva, 1994, p. 19.

⁴ LI, David Leiwei - “The Production of Chinese American Tradition: Displacing American Orientalist Discourse”, in *Reading the Literatures of Asian America*, ed. Shirley Geok-lin e Amy Ling, Philadelphia, Temple University Press, 1992, p. 320.

esses imigrantes, a América é “the Gold Mountain”⁵, espaço num imaginário despertado por notícias de ouro na Califórnia que tinham chegado a Hong Kong e à China por volta de 1849 e que tinham despoletado a emigração, um espaço no imaginário em tudo semelhante à Terra Prometida da tradição hebraica. De resto, todo um passado de perseguições e de sobrevivência instável em condições precárias levou a que os imigrantes chineses fossem por vezes comparados aos judeus: “os judeus da Ásia”⁶.

Falar-se de uma literatura sino-americana significa falar de uma preocupação nuclear da comunidade chinesa em estabelecer uma tradição literária por sobre as evidências da *diferença* cultural e étnica. Houve que definir o que há de específico nessa cultura e como aí se apreende a “montanha” ora como realidade material – o que leva à identificação do indivíduo com os interesses materiais do grupo –, ora como representação, nomeadamente como representação social ligada a processos de identidade. Assim se funda uma articulação entre estrutura social e estrutura espacial, para além da relação entre a memória de um grupo e a simbologia da comunidade, indissociável de um vasto mapa de significados míticos e afectivos que, no caso das minorias étnicas e das suas mobilidades, permite pensar as noções de *ghetto*, bem como as de pertença (a um lugar identitário) e não-pertença (à cultura dominante). É aqui, na coesão do grupo e nas estratégias de resistência a um sistema social abusivo, que ganha relevo a questão da etnicidade: “... ethnicity has become fully legitimate – and sometimes necessary – as an identity, and this carries over, in a political situation, into a group attachment”⁷. A pertença convida à recuperação memoriante das origens, sedimentando desse modo a interação entre o indivíduo e a sua comunidade, processo legitimador da ligação entre os conceitos de etnicidade e identidade. Registo e certificação da memória, *The Woman Warrior* cedo apresenta o tema da identidade cultural e da definição de tradição:

Chinese-Americans, when you try to understand what things in you are Chinese, how do you separate what is peculiar to childhood, to poverty, insanities, one family, your mother who marked your growing with stories, from what is Chinese. What is Chinese tradition and what is the movies? ⁸

A identidade surge problematizada como espaço de busca e ansiedade, de

⁵ KINGSTON, Maxine Hong - *The Woman Warrior: Memoirs of a Girlhood Among Ghosts*, London, Picador, 1977 [1975], p. 11.

⁶ SOWELL, Thomas - *Ethnic America: A History*, New York, Basic Books, 1981, p.133.

⁷ BELL, Daniel - “Ethnicity and Social Change”, in *Ethnicity: Theory and Experience*, ed. Nathan Glazer e Daniel Moynihan, Cambridge, Mass./London, Harvard University Press, 1975, p.171.

⁸ KINGSTON, Maxine H. - *Op. cit.*, p.13.

indecisão entre a tradição que remonta às origens e o enfrentamento do futuro desconhecido. Desta tensão que cruza a narrativa irrompe, significativamente, a progressiva preocupação com o diálogo entre a cultura legada pelos antepassados e a cultura dominante. Desde logo se evidencia nestes primeiros momentos da narrativa uma inevitável subjectividade, que parte, no entanto, de uma proposta objectiva de (re)constituição de um percurso a partir dos limites de uma perspectiva radicada no presente. Sem poder negar a força da “americanização” exercida sobre qualquer grupo étnico nos Estados Unidos e uma aculturação que, no fundo, se processa em dois sentidos, Kingston aponta os renovados contactos entre as duas culturas. Toda esta vivência íntima enforma uma obra que recupera um passado para a partir daí compreender o presente e traçar uma visão de futuro em termos de uma identidade, cultura e tradição próprias, as quais, embora constituídas como alternativas à sociedade dominante, a autora não deixa de questionar na quinta e última parte do texto, “A Song for a Barbarian Reed Pipe”:

How can Chinese keep any traditions at all? They don't even make you pay attention, slipping in a ceremony and clearing the table before the children notice specialness. The adults get mad, evasive, and shut you up if you ask. You get no warning that you shouldn't wear a white ribbon in your hair until they hit you and give you the sideways glare for the rest of the day. They hit you if you wave brooms around or drop chopsticks or drum them. They hit you if you wash your hair on certain days, or tap somebody with a ruler, or step over a brother whether it's during your menses or not. You figure out what you got hit for and don't do it again if you figured correctly. But I think that if you don't figure it out, it's all right. Then you can grow up bothered by 'neither ghost nor deities'. 'Gods you avoid won't hurt you.' I don't see how they kept up a continuous culture for five thousand years. Maybe they didn't: maybe everyone makes it up as they go along. If we had to depend on being told, we'd have no religion, no babies, no menstruation (sex, of course, unspeakable), no death⁹.

A questão fundamental é, então, o diálogo continuado entre a cultura dominante e as diferentes culturas que com ela e dentro dela coexistem. A interacção - “maybe everyone makes it up as they go along” – gera um complexo processo de transformações recíprocas. O espaço americano – o *todo* – marca e transforma a cultura ancestral – a *parte*, o *outro* –, ajudando à visão da América como uma nação que constantemente se faz, (re)descobre e projecta de novo. Esta problemática é múltipla e preenche a agilidade processual com que Kingston enfrenta a necessidade de criar espaço próprio, a um tempo “americano” e “outro”, no qual a tradição sino-americana se possa afirmar e ganhar voz. Como bem observa Elaine

⁹ *Idem*, p. 166.

H. Kim, “What Asian American writers express is the desire to remain ‘others’ not as foreigners but as American ‘others’. Our claim on America, then, is part of our resistance to domination”¹⁰.

Já numa obra anterior¹¹, Kim articulava essa resistência e vontade com o débito da tradição asiática nos Estados Unidos ao nacionalismo cultural negro dos anos sessenta, o qual, por sua vez, muito deve ao clima reivindicativo da época, que procurava sensibilizar a consciência dos americanos e levá-los a reconhecer o direito à igualdade das minorias étnicas e a importância da sua cultura. Ao seguir o exemplo dos *Black Studies*, a literatura que ficou conhecida como “asian-american” contém inúmeras referências ao contexto afro-americano, exemplo de outra minoria oprimida que experimentou a discriminação e a exclusão racial em moldes que suscitam correspondências. Existiam diferenças: os imigrantes provenientes da Ásia não tinham com os seus povos de origem o mesmo tipo de laços e continuidades de que os afro-americanos tinham dado provas enquanto agentes fundamentais na formação de um nacionalismo africano; a heterogeneidade dos asiáticos na América dificulta a concretização de uma identidade cultural distintiva; a categoria “asian-american” é tudo menos unitária: o termo abrange “Japanese-Americans”, “Chinese-Americans”, “Filipino-Americans”, “Indian-Americans”, “Korean-Americans”, ou seja, uma pluralidade de origens nacionais; as nações de origem estiveram muitas vezes em conflito entre si, o que se repercutiu na experiência americana desses diferentes grupos. Para Henry Louis Gates, Jr., “African slavery in the New World satisfied the preconditions for the emergence of a new African culture, a truly Pan-African culture fashioned as a colorful weave of linguistic, institutional, metaphysical, and formal threads”¹² – mas o mesmo não podia acontecer com os “Asian-Americans”.

Por isso é que os escritores asiáticos na América pós-anos sessenta tiveram de se afirmar, simultaneamente, como escritores imigrantes e “ethnic revivalists”. Os imigrantes e a sua descendência, em meados do século XIX, deparavam-se com a necessidade de se tornarem americanos ou de afirmar que *eram* americanos. Era-lhes vedada a reivindicação de raízes históricas na América ou de pertença a

¹⁰ KIM, Elaine H. - “Defining Asian American Realities through Literature”, in *The Nature and Context of Minority Discourse*, ed. Abdul R. JanMohamed e David Lloyd, New York, Oxford University Press, 1991, p.170.

¹¹ KIM, Elaine H. - *Asian American Literature: An Introduction to the Writings and Their Social Context*, Philadelphia, Temple University Press, 1982.

¹² GATES, Henry Louis, Jr. - *The Signifying Monkey: A Theory of African-American Literary Criticism*, New York, Oxford University Press, 1988, p. 4.

uma consciência nacional dos Estados Unidos. Assim é que em muita da literatura e da autobiografia dessa comunidade abundam histórias de revolta de cidadãos de sucessivas gerações, cumprimentados por saberem falar adequadamente a língua inglesa mas instigados a fazer o caminho de regresso ao seu país de origem, ao lugar que seria verdadeiramente o seu. Por um lado, o poder dominante insistia no lado *exótico* da cultura asiática na América, estratégia melíflua de exclusão ou marginalização de uma comunidade. Por outro lado, e não sem algum paradoxo ou hipocrisia, procurava-se construir dos asiáticos na América uma imagem de minoria assimilada modelar, em parte para confrontar os negros dissidentes com o contra-exemplo de um grupo *de sucesso*. A oferta desta nova visão foi aceite por alguns membros da comunidade e veementemente rejeitada por outros, não sem que esta instabilidade criada à volta de uma minoria ora exótica ora modelar produzisse conflitos internos e, externamente, uma tensão inter-étnica.

A escrita em *The Woman Warrior* traduz esta conflitualidade por vários meios. A começar pelo tempo da rememoração, no qual as lembranças, de uma natureza rasante à infância da *persona* autoral na América, se cruzam com histórias da China, com o tempo mítico. Diz Kingston: "... some of the stories that I write began with memories that we all have. Those collective memories are the myths"¹³. Há, ainda, outros cruzamentos que recorrentemente visitam as páginas de Kingston: o da autobiografia – que para além de registar a experiência do "Sonho Americano" dilui as fronteiras entre relatos ficcionais e realistas da imigração, levando ao aparecimento da designação "realismo imigrante" – com a arte de contar histórias; o que derruba as balizas entre o mundo imaginário e o mundo empírico, tangível, real. Trata-se de casar o uso da memória com a consequência da imaginação, dentro de uma reserva que o comentário de Bettina Aptheker assinala:

Kingston sought to legitimize this imaginative realm, although she knew that the truth of the imagination is often in conflict with the truth of society. Kingston also knew that this fantasy world can easily tip over into insanity¹⁴.

A narrativa revela uma identidade intercultural que parece poder caracterizar-se por uma alternância entre culturas que apaga as fronteiras espaço-temporais. Mas, na verdade, a demanda de identidade acaba por ser um processo dilatado no

¹³ RABINOVITZ, Paula - "Eccentric Memories: A Conversation with Maxine Hong Kingston", in *Michigan Quarterly Review* 26, 1 (Winter 1987), p. 185.

¹⁴ APTHEKER, Bettina - *Tapestries of Life: Women's Work, Women's Consciousness, and the Meaning of Daily Experience*, Amherst, University of Massachusetts Press, 1989, p.126.

tempo (ou não estivéssemos nós perante uma dominante autobiográfica), evocador da visão de identidade apresentada por Ralph Ellison em “Twentieth-Century Fiction and the Black Mask of Humanity”, ensaio escrito em 1946 e publicado em 1953:

“For despite the impact of the American idea upon the world, the ‘American’ himself has not (fortunately for the United States, its minorities, and perhaps for the world) been finally defined”; “A people must define itself, and minorities have the responsibility of having their ideals and images recognized as part of the composite image which is that of the still forming American people”¹⁵.

Mesmo quando a distância entre o “eu” americano e o “eu” itinerante que recua à China se anula, Kingston não hesita em questionar a cultura dominante, opondo-se-lhe, levando também a cabo a tarefa de separar o que é meramente individual, sócio-económico ou simplesmente espúrio daquilo que é “chinês”: “What is Chinese tradition... and what is the movies?”.

Ela inicia esta busca de uma cultura chinesa primordial como parte de uma tentativa de vencer os seus próprios conflitos e reagir ao modo como a América trata os imigrantes chineses. De maneira impressionante, o livro representa um retorno a lugares de sentido, que implica a noção de errância, um sujeito perdido num país miticamente recriado como lugar de partida e de improvável regresso. E, entretanto, as versões do passado não significam necessariamente uma essencialização do legado de origem, invocado em toda a sua complexidade e ambivalência, problematizado quanto à sua manutenção no presente. Por isso se justifica e compreende que *The Woman Warrior* não radicalize a articulação da identidade com o passado. A própria retoma dos valores deixados para trás não escapa a um retorno à insegurança, o pressentir de medos ocultos, de “fantasmas” ainda presentes, a incerteza face a uma História que nunca é só passado. De resto, esta obra de Kingston evoca o modelo do sucesso imigrante, bem como as frustrações e dilemas inerentes aos conflitos entre segunda e primeira geração. A relação da narradora com a sua mãe é uma versão clássica dessa tensão, evocando o retrato, oferecido por Anzia Yezierska em “The Fat of the Land”, de uma figura materna etnicamente heróica mas dogmaticamente opressora. Aqui, a partir da arte de contar histórias que também acompanha a diáspora judaica, estamos perante um relato de fissuras entre gerações de imigrantes na América, de conflito entre o novo e o

¹⁵ ELLISON, Ralph - “Twentieth-Century Fiction and the Black Mask of Humanity”, in *Shadow and Act*, New York, Vintage Books, 1972 [1953], pp. 26, 44.

velho, legado originário e inovação, tema que Yeziarska retoma, em torno de diferenças religiosas, no seu romance *Bread Givers: A Struggle Between a Father of the Old World and a Daughter of the New*. Em *The Woman Warrior*, a relação mãe-filha é vivida entre os pólos da identificação e do distanciamento, cabendo embora à mulher mais velha o papel culturalmente determinado de transmitir o legado dos antepassados. Os conflitos geracionais, aos quais se deve acrescentar a questão de *gender* associada à etnicidade, agudizam a heterogeneidade implícita na categoria “asian-american” que a respectiva literatura expõe no retrato problemático da demanda de identidade.

Kingston mostra a sua demanda de uma identidade cultural em termos conflituais e frustrantes. Especula acerca da criança ilegítima que uma tia chinesa deu à luz e do suicídio subsequente, retrata-a como a mulher chinesa tradicionalmente submissa que não resiste à sedução, a rebelde que rompe com a harmonia da vida na comunidade, a vítima existencial que cai no vazio, “a spite suicide”¹⁶. Esta instabilidade exprime a dificuldade de Kingston em se ligar à sua cultura de origem e está espelhada no registo interrogativo que a narrativa assume. Por isso tenta reformular o passado, por forma a torná-lo útil e utilizável, necessidade verbalizada desde o início, nomeadamente aquando da rejeição de uma possível identidade para a tia da *persona* autobiográfica: “Unless I see her life branching into mine, she gives me no ancestral help”¹⁷. A reconstituição da História encontrará o seu principal suporte nas histórias que a mãe conta, *talk-stories* que se articulam com a autobiografia na demanda de sentido e formação de identidade. As cadeias de significado surgem na obra privilegiadamente ligadas a figuras femininas, responsáveis pela criação de pontos de vista novos a partir de histórias antigas. Na secção final, a memória do percurso da avó chinesa elabora o contexto de uma outra história, a da lendária Ts’ai Yen:

Here is a story my mother told me, not when I was young, but recently, when I told her I also am a story-talker. The beginning is hers, the ending, mine.

In China my grandmother loved the theatre (...) The danger was that the bandits would make raids on households thinned out during performances (...) By daybreak, when my grandmother and mother made their way home, the entire family was home safe, proof to my grandmother that our family was immune to harm as long as they went to plays. They went to many plays after that.

I like to think that at some of those performances, they heard the songs of Ts’ai Yen, a poetess born in AD 175¹⁸.

¹⁶ KINGSTON, Maxine H. - *Op. cit.*, p. 22.

¹⁷ *Idem*, p. 16.

¹⁸ *Idem*, pp. 184, 185.

A transmissão do legado de origem – “the beginning is hers, the ending, mine” – não se efectua somente por uma orientação inicial de repensar o mundo, que para Kingston é sobretudo a intersecção entre a China e a América, como refiguração mítica e construção pela palavra. Raptada pelos “bárbaros” Hsiung-nu, Ts’ai Yen soube entrelaçar na música dos seus senhores a experiência poética da sua palavra, abrindo-se a um ritual de aprendizagem que lhe assegura a memória de uma tradição chinesa e permite o acesso a uma outra expressão cultural – as aproximações à própria Kingston, escritora entre culturas que nessa condição encontra o elemento propulsor da sua palavra, são por demais evidentes.

Kingston reflecte e convida a reflectir sobre os modos de produção, apropriação e utilização de uma linguagem (uma voz) capaz de corresponder à experiência real e às reais necessidades das pessoas, dentro e fora da comunidade. Nesta linha sequencial, há um passo que merece reflexão:

Walking erect (knees straight, toes pointed forward, not pigeon-toed, which is Chinese-feminine) and speaking in an inaudible voice, I have tried to turn myself American-feminine ¹⁹.

Esta frase suscita o desdobramento de três ideias fundamentais. A busca de uma identidade americana no contexto de uma minoria étnica é protagonizada por uma mulher que, de forma inaudível, resiste à perpetuação da ausência de voz da sua “tribo”, um dos muitos obstáculos (ou *ghosts*, a que já o título se refere) que defronta. Em segundo lugar, convém salientar que, pelo facto de muita escrita étnica ser da autoria de mulheres, as autoras étnicas assumem uma identidade dupla enquanto grupo também marginalizado no contexto mais vasto dos Estados Unidos, dominado pelo masculino, branco. Finalmente, o designio artístico de Kingston inscreveu tendencialmente a sua escrita no horizonte simbólico e onírico da oralidade:

Night after night my mother would talk-story until we fell asleep. I couldn't tell where the stories left off and the dreams began, her voice the voice of the heroines in my sleep ²⁰.

¹⁹ *Idem*, p. 18.

²⁰ *Idem*, p. 25.

Mas sublinhe-se ainda que os tempos da memória e do mito abarcam a diversidade cultural e as histórias que dela emanam:

I invented new literary structures to contain multivisions and to tell the true lives of non-fiction people who are storytellers ²¹.

As “estruturas literárias” anunciadas por Kingston exibem, em paralelo com a ficção de outras mulheres escritoras de raiz étnica, características susceptíveis de síntese em duas instâncias. Primeiro, nas palavras da autora de *The Woman Warrior* que apontam para um entendimento partilhado com Toni Morrison e Leslie Marmon Silko:

When I compare our work to some of the mainstream work, it seems as if many of them are *only* playing with words(...) Toni’s and Leslie’s and my aliveness must come from our senses of a connection with people who have a community and a tribe. We are living life in a more dangerous place. We do not live in subdivisions without ceremony and memory; and if those other writers have to draw from that non-magical imagination, then of course, their writing will be grey and black and white ²².

Depois, no discurso crítico de Teresa Alves em “Women’s Narratives and the Shifts from the Canon”:

...against the prevailing Postmodernist defamiliarization of experience by means of parody, satire and indeterminacy in order to represent a world void of significance, the three woman writers under consideration chose to fall back into the communal legacy by means of a renegotiation of myth and folk legend. Their antipathy for the then established canon is a question of perspective...²³.

Embora, à semelhança do registo multifário do pós-modernismo, a escrita destas autoras se distinga pelo seu experimentalismo e pela consciência do texto, enfatiza-se aqui uma descoincidência de sensibilidade e intelecto que se reflecte no descentramento do cânone dominante da América, ou na sua pulverização. Estamos perante apenas mais um momento de dissidência na tradição literária da América e numa história cultural que sempre se distendeu entre o centro e as ditas periferias, sabendo-se que a noção de cânone foi estando cada vez mais disponível para a redefinição: “Numa sociedade plural e numa nação multicultural como os Estados Unidos, não admirará que a um acto de canonização rapidamente se siga

²¹ RABINOVITZ, Paula - *Op. cit.*, p.185.

²² *Idem*, p. 184.

²³ ALVES, Teresa Ferreira de Almeida - “Women’s Narratives and the Shifts from the Canon”, in *Dedalus: Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, 6, 1996, p. 25.

outro”²⁴. E também não causará espanto que as vozes das *margens* procurem a sua própria canonização como etapa legitimadora de uma identidade forjada no intercâmbio de mitos, culturas e tradições que, como se pode confirmar no importante estudo de Lawrence Levine *The Opening of the American Mind: Canons, Culture, History*, acompanhou o trajecto da América desde a sua fundação:

Diversity, pluralism, multiculturalism have been present throughout our history and have acted not merely as the germs of friction and division but as the lines of continuity, the sources for the creation of an indigenous culture, and the roots of a distinctive American identity. We have too often been prevented from understanding this by the diversion of obsolete models and the clamor of archaic debates ²⁵.

Reside nesta abertura uma outra diferença: a da nação americana em relação a outras culturas e a outras tradições. Mas escusado será dizer que a questão do cânone transpõe a fronteira do cultural, do literário e do estético e remete incessantemente para o social e político como plataforma de autoridade e poder (da sociedade, das instituições, das universidades), num mapa em que as relações centro-margens fazem parte integrante do sistema mundial. A evolução e consolidação de uma tradição literária “asian-american” nos últimos anos, enquanto mais um registo de diversidade no panorama literário dos Estados Unidos, não podem ser desligadas de novas formas de imigração que derivam de um novo sistema globalizante marcado pela porosidade das fronteiras nacionais. Como também não podem ser obliteradas as histórias de sucesso económico que privilegiaram o anel do Pacífico numa era de comércio global, do mesmo modo que o nacionalismo africano privilegiou África durante o período de uma luta anti-colonial aparentemente bem sucedida.

O contributo de Kingston em *The Woman Warrior* vai valer sobretudo pelo desejo de auto-definição e de diálogo intercultural, adjacente a uma literatura que contribui para a cíclica re-invenção do mapa da América, descobrindo-lhe novos horizontes e oferecendo-lhe novas visões e apreensões do real. A literatura de que aqui se falou traça, em última instância, os caminhos de aprendizagem seguidos pela narradora, que constitui também aquilo que cada leitor pode alcançar: “ I learned to make my mind large, as the universe is large...”²⁶. A condição cultural

²⁴ SANTOS - *Op. cit.*, p. 27.

²⁵ LEVINE, Lawrence W. - *The Opening of the American Mind: Canons, Culture, and History* Boston, Beacon Press, 1996, pp. 119-20.

²⁶ KINGSTON, Maxine H. - *Op. cit.*, p. 34.

da imigração, vertida na história de uma jovem de ascendência chinesa confrontada com a experiência de vida nos Estados Unidos, legitima o multiculturalismo americano e interroga, de uma perspectiva não-dominante, os valores que informam a tradição literária americana. Esta define-se pela constante incorporação de escritas que contribuem para a dilatação de fronteiras entre categorizações literárias. A relevância que, nessa tradição, a ficção de Maxine Hong Kingston tem vindo a adquirir não é só uma confirmação da evidência multicultural: é prova do modo como as leituras canónicas de centros e margens consagram a sua própria mutabilidade. Caucionando, assim, a reinterpretação necessária da história literária dos Estados Unidos e a construção, através da literatura, de uma nação etnicamente plural.

Carlos Azevedo